

Orientação com Drica de Luca 13.04

- @anateixeira.arte
- damas em transito e os bucaneiros
- revista sala preta da ECA
- interatividade das projeções
- as coisas se cruzando em diferentes planos do real e do virtual
- borda e fronteira
- peter pealbart - formas de existência: existir de um jeito dentro de uma tv, vc se vendo e se assistindo e depois você escrevendo e falando sobre se ver
- continente. x conteúdo
- um manual de quebra da quarentena
- a borda de Paraty em toda sua tridimensionalidade
- como é a mudança do território liquido pro sólido
- as existências mínimas David lapujart: o fenômeno (a arte de aparecer), a coisa (a arte de se manter), os imaginários e os virtuais (a nuvem
- a nuvem guilherme wisnik
- <https://jiminkimpicturebook.com/Hyde-Seek>
- etimologia da palavra borda
- urbanismo português e a construção de cidades alagáveis
- a empena enquanto espera

Orientação com Yuri Quevedo 16.04

- trabalhar em cima do processo de estar confinado
- que seria esse site de intervenção s não temos um espaço público pra intervir
- site specific enquanto esse espaço temporal de hoje e agora aonde estamos inseridos
- as empenas enquanto símbolos de espera; enquanto instância legal e protegida por lei
- entender a doença e a necessidade de prevenção a partir da chave do medo, do mostrar os corpos degradados pela doença; mas se toma a vacina por um bem comunitário, para não ser um agente transmissor; criação de uma separação entre saúde e comunidade, intervenção e ética pública; o brasil é um dos países mais bem sucedidos nessa política do medo; a forma como construímos o combate a doença não é pela ética comunitária o que leva a uma supressão do espaço público
- perde-se uma noção de espaço publico ao se entender que nosso corpo é tão individual que é uma escolha sua trata-lo ou não
- o coronavirus é uma epidemia que pela primeira vez é colocar para gente não pela ética do corpo degradado mas sim do sistema superlotado
- a decisão individual muito desenvolvida pelo modernismo (do corpo pleno), desse corpo heroico individualmente, isso não existe mais
- repensar na ética do espaço publico (não mais um jeito estigmatizado mas que da dignidade diversos tipos de fazer e assim protege esses tipos de fazer, reconhecimento do corpo no outro na sociedade)
- restuturação do espaço publico não pela criação do espaço mas pela identificação de que existe um espaço de negociação entre os corpos
- talvez esse site specific não seja uma superfície ou uma membrana ou um plano, talvez esse espaço público seja uma articulação entre corpos, uma dança, um alargamento entre as possibilidades de isolamento que seja criador de espaço
- reconsiderar o tempo de trabalho, a plataforma onde a gente inside, e a maneira como a gente se comunica
- partir de um diário pessoal para um diário coletivo

- um corpo que vive isolado e como compartilhar essas experiências em um diário coletivo
- como o jeito de nomear a coisa é uma criação de espaço público
- ações que existiam no espaço publico como anterior
- a superfície ainda é um modelo de intervenção que é sozinho; que é uma adaptação da realidade para o confinamento; como se pode espacializar essa lógica da superfície pra uma visão esquemática de bairro que cidade que se articule a partir de outras coisas
- como criar um espaço que seja coletivo e que não seja realizado por nós; alinhamento de corpos à distância; criação de espaço por estes corpos
- a criação de outras camadas intrabairro, os reconhecimentos da quarentena,
- a criação desses espaços que não são do chão, lida-se com outras cotas
- o microfone é uma estrutura pneumática uma espécie de guindaste que reestrutura o espaço do confinamento
- como fazer a costura de novo (que é fácil mas que o que se altera é pensar que não s pode usar a cidade, nem o corpo do outro nem o seu corpo descolado do coletivo)
- o respeito pelo corpo comunitário
- essa nova ética reformula o sistema de trabalho do arquiteto
- fronteiras diluídas que não existem pois não existe mais a proximidade